

011.744  
Flávio Sarlo

O

capixaba tem memória fraca e não sabe quase nada sobre o seu próprio passado. Essa constatação pode ser feita pelas estátuas que ilustram algumas praças da cidade, ignoradas pela maioria dos populares que transitam pelas ruas, sem saber o que elas representam.

Tem muita gente que passa na rua Sete, no centro, por exemplo, e não sabe quem é Ubaldo Ramalhete, que dá nome a uma praça erguida onde antes era o prédio da antiga Prefeitura. As senhoras sentadas nos bancos, as crianças brincando ou as pessoas que transitam por ali, ninguém sabe responder.

“Foi um governador do Espírito Santo da década de 50”, arrisca uma velhinha fazendo tricô, sem saber que o personagem em questão era um advogado e deputado conservador da década de 20. Mesmo descaso enfrenta uma estátua vizinha, na mesma praça, que representa o trabalho e já teve o seu martelo roubado várias vezes.

Também passam despercebidos aos olhos da população os quatro bustos instalados nas extremidades da praça Costa Pereira, e que personificam os quatro principais governadores do Estado no início do século: Jerônimo Monteiro, Afonso Cláudio, Muniz Freire e Florentino Avidos.

Dos motoristas de táxi que fazem ponto no local, nenhum deles soube dizer de quem são os bustos, apesar dos nomes inscritos na lápide.

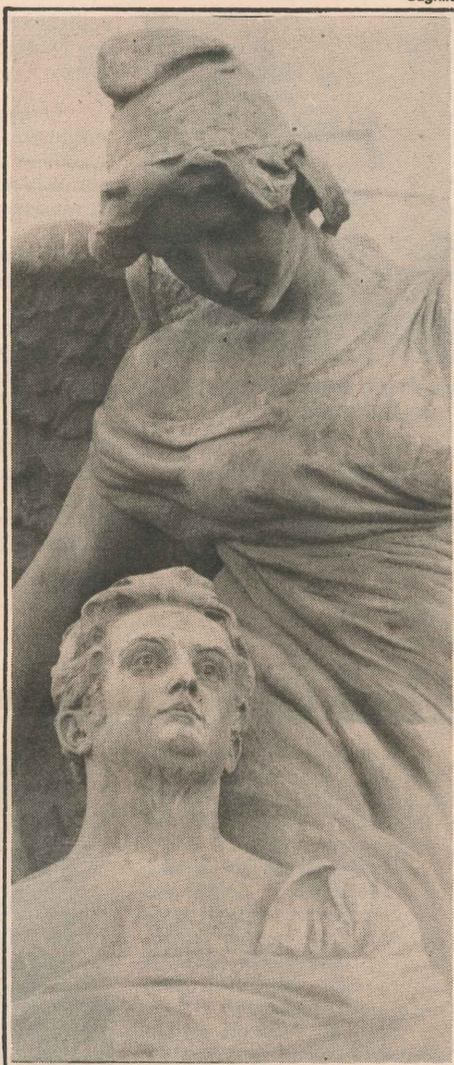
Sem falar na estátua que personifica Dona Domingas, localizada na pracinha em frente ao hotel Estoril. Ela era uma ex-escrava de 104 anos, e vivia perambulando pelas ruas da cidade catando papel. Para o camêlo Robério Justino, que faz ponto no local, “a estátua é de São Benedito”.

Já as estátuas de Araribóia, na Beira-Mar, e a de Getúlio Vargas, na Esplanada, são mais conhecidas. A primeira, construída pelo escultor italiano Carlos Crepas — atualmente residindo na Europa — durante a década de 50, é uma idealização do



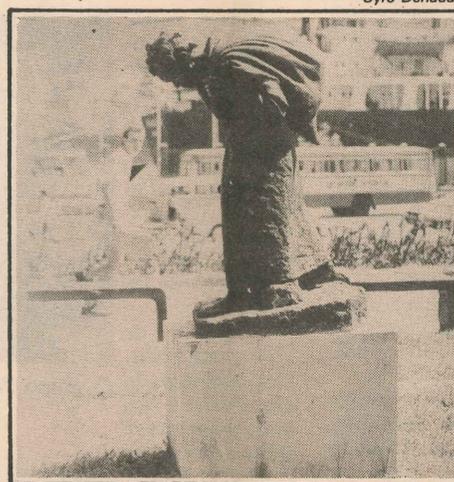
Cyro Denaday

# Capixaba ignora o passado



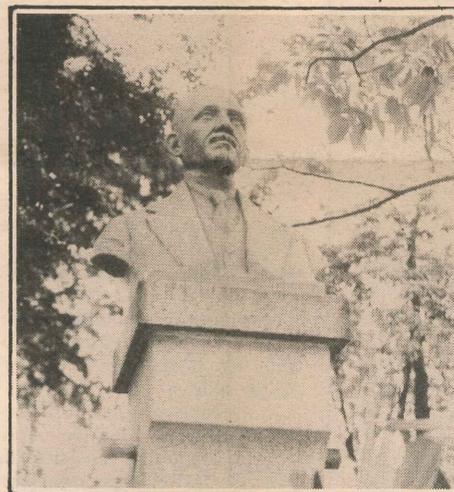
Sagrillo

Domingos Martins: um travesti?



Cyro Denaday

Dona Domingas: estátua de São Benedito?



Jerônimo Monteiro: o nome anda nas bocas, mas a história não

**Índio Araribóia:  
porte olímpico  
causa gozações**

índio Tupy, que lutou contra as investidas dos colonizadores franceses. Recebe críticas pelo porte olímpico, que não corresponde a um aborígene.

Na opinião do historiador Renato Pacheco o descaso da população para com as estátuas começa com a educação. “As professoras do primeiro grau deveriam levar os alunos ao monumento para dizer o que eles significam”, lembra.

Ele cita outros monumentos esquecidos. Alguns até motivos de chacota da população. O que homenageia os pracinhas mortos na Segunda Guerra, em frente ao Palácio Anchieta, por exemplo, foi criticado porque mostra um soldado morrendo. “Ele deveria estar vivo e atacando”, sugere o historiador.

E o busto de Domingos Martins, em frente à academia de letras, construído na década de 20, é o que mais sofre gozações. Tem quem ache a estátua simplesmente “um travesti”, como avaliou um lavador de carros das imediações. Isso porque o busto foi esculpido com traços considerados femininos.

O descrédito para com as estátuas fica mais evidente em alguns casos peculiares. Na praça Costa Pereira tem uma obra plástica dentro do laguinho, que representa a maternidade. Foi elaborada pelo artista plástico capixaba Maurício Salgueiro — o mesmo que esculpiu a Taça Brasil do ano passado. Mas, como são peças de sucata penduradas, ninguém respeita, e os meninos de rua se penduram nela.

Esse descaso fez com que o ex-prefeito Sólton Borges, que colocou três estátuas de gesso representando os três Reis Magos na pracinha em frente ao Estoril, durante a década de 60, decidisse retirar os monumentos do local.

O motivo alegado por ele foi o apelido popular dado às estátuas: “três patetas”. Não é de hoje que o capixaba ignora a sua história e não dá bolas à sua memória.